



Notas da Semana - Economia e Mercados Financeiros

1. Economia e Mercados Financeiros

1.1 Economia

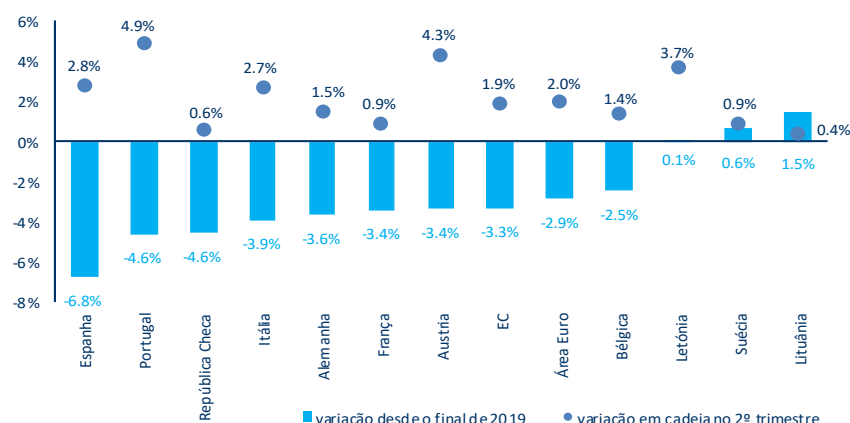
Portugal. Segundo o INE, o **valor mediano de avaliação bancária na habitação** foi €1215/m² em junho, mais €3 que no mês anterior. A taxa de variação homóloga correspondeu a 8.6%, menos 0.2 p.p. do que em maio. O montante mediano de avaliação bancária no caso dos apartamentos foi €1339/m², um acréscimo de 9.8% relativamente a junho do ano precedente. Em relação às moradias, o crescimento foi mais moderado (3.8%), fixando-se em 1001/m². A Área Metropolitana de Lisboa, o Algarve e o Alentejo Litoral registaram leituras superiores em 32%, 30% e 4.0% em relação ao valor mediano do país. O número de avaliações bancárias consideradas foi cerca de 30 mil, mais 82.6% que no mesmo período do ano anterior.

Área Euro. A confiança dos consumidores (preliminar) sofreu uma queda de 1.1 pontos, para -4.4 em julho, resultado do aumento do número de infeções em alguns países da Europa, o que levou à reposição de algumas restrições.

Alemanha. O **indicador de clima económico alemão (IFO)** caiu 0.9 pontos em julho, para 100.8. Apesar da melhoria de 0.7 pontos nas condições atuais (100.4), as expectativas diminuíram 2.5 pontos, para 101.2. Estes movimentos foram comuns a todos os setores, com a exceção da construção. No relatório foram mencionados os constrangimentos no fornecimento de inputs como fator limitador da atividade económica. Esta leitura poderá indiciar um pico da expansão da atividade económica durante o segundo trimestre, quando foram registados valores superiores quer ao final de 2019, quer à média de longo prazo.

Área Euro. Na semana anterior foram divulgadas as estimativas rápidas do **PIB real** para o 2º trimestre de 2021. De acordo com o Eurostat, o PIB da Área Euro cresceu 2.0% em cadeia (-0.3% no trimestre anterior, correspondendo a uma variação homóloga de 13.7%). O PIB situa-se ainda 2.9% aquém do nível de 2019. Este resultado surge na sequência do alívio das restrições, ainda que de forma bastante heterogénea, com o progresso das campanhas de vacinação. Merece saliência a variação em cadeia do PIB de Espanha (2.8%), Itália (2.7%), Alemanha (1.5%) e, em menor grau, França com 0.9%. Face ao final de 2019 registam-se variações de -6.8%, -3.9%, -3.6% e -3.4%, respetivamente.

EU: Crescimento do PIB - cadeia e face a 2019



Fonte: Eurostat

EUA. No segundo trimestre de 2021, a economia norte-americana registou um **crescimento do PIB** de 6.5% (em cadeia e anualizado), valor muito inferior às expectativas de mercado (8.5%). As despesas de consumo pessoal aumentaram 11.8%, atingindo um contributo de 7.9 p.p., com destaque para os

serviços (4.8 p.p.). Em termos de investimento, o investimento fixo não-residencial teve um contributo positivo (1.2 p.p.), enquanto no caso do investimento fixo residencial (-0.4 p.p.) e da variação de inventários (-1.6 p.p.) os respetivos contributos foram negativos. As exportações líquidas também tiveram um contributo negativo, neste caso de -0.7 p.p., com um crescimento das importações superior ao das exportações. Com este resultado, o nível do PIB nos EUA já superou o valor observado no final de 2019.

A **confiança dos consumidores** norte-americanos, medida pelo indicador do *Conference Board*, melhorou pelo sexto mês consecutivo, passando de 128.9 para 129.1 pontos em julho, a leitura mais elevada desde o início da crise pandémica. Esta tendência reflete o otimismo dos consumidores na recuperação económica à medida que as restrições são aliviadas e a vacinação continua. Em termos das componentes, as condições presentes subiram 0.7 pontos, para 160.3, enquanto as expectativas permaneceram estáveis em 108.4. A proporção de inquiridos que afirmaram que a oferta de emprego é abundante atingiu o nível mais elevado desde 2000.

O **índice de preços da habitação Case-Shiller**, que agrega as vinte maiores cidades nos EUA, registou um crescimento homólogo de 17% em maio, após 15% no mês anterior, o crescimento mais elevado desde 2004. Entre as cidades incluídas no índice, a taxa de crescimento mais elevada foi a de Phoenix (25.9%), seguida por San Diego (24.7%) e Seattle (23.4%). O **indicador da atividade industrial da região de Dallas** para a indústria transformadora diminuiu para 27.3 em julho após 31.1 em junho, permanecendo em níveis robustos. O mesmo indicador referente à **região de Richmond** aumentou de 26 para 27 em junho, a leitura mais elevada desde 2004. Ainda na semana passada há a destacar um novo aumento das **encomendas de bens de capital**, excluindo a aviação, no mês de junho (0.5%).

Bancos Centrais. O **Conselho de Governadores da Reserva Federal (Fed) dos EUA** manteve, como esperado, o intervalo da taxa de juro diretora (*Fed Funds*) entre 0.00% e 0.25% e o montante mensal de compras de ativos em \$120 mil milhões. Apesar da clara recuperação económica, e dos progressos no sentido dos objetivos da Reserva Federal, a reunião ficou pautada pela ideia de que subsistem ainda riscos em torno da retoma e que a economia ainda não recuperou totalmente da crise, em particular os setores mais afetados. A Reserva Federal continua a perspetivar um efeito transitório no que concerne ao crescimento dos preços. O Presidente Jerome Powell referiu que ainda existe algum “caminho a percorrer” para começar a reduzir o elevado montante de estímulos.

Na **Hungria**, o banco central aumentou a respetiva taxa de juro diretora em 30 p.b., fixando-a em 1.20%, reagindo ao aumento das pressões inflacionistas, dado que os preços ao consumidor cresceram 5.3% em junho, o ritmo mais elevado desde 2012. O banco central comprometeu-se a prosseguir o ciclo de restritividade da política monetária para controlar a inflação dentro do intervalo estipulado entre 2% e 4%.

1.2 Mercados Financeiros (atualizado sexta-feira, 30 de julho, às 12h00)

Nos mercados financeiros, o mês de julho ficou marcado pelo ressurgimento de uma maior cautela dos investidores, que já tinha sido evidenciada nos últimos dois meses do primeiro semestre. A evolução da pandemia e a nova variante Delta de Covid-19, apesar dos avanços significativos dos programas de vacinação, representa a principal fonte de incerteza para a retoma da economia a curto prazo. A perspetiva de manutenção de apoios monetários por parte do BCE e da Reserva Federal estiveram em foco e suportaram os ganhos da maioria das classes de ativos.

Nos **mercados monetários**, a variação das taxas Euribor nos principais prazos de referência ficou compreendida entre +1.3 p.b. a 1 mês (-0.556%) e -1.9 p.b. a 12 meses (-0.502%), fixando-se perto dos mínimos históricos atingidos durante o início de 2021. Apesar de um aumento ligeiro durante o segundo trimestre, as yields de curto prazo refletiram a expectativa de manutenção dos apoios e condições de liquidez acomodáticas na região.

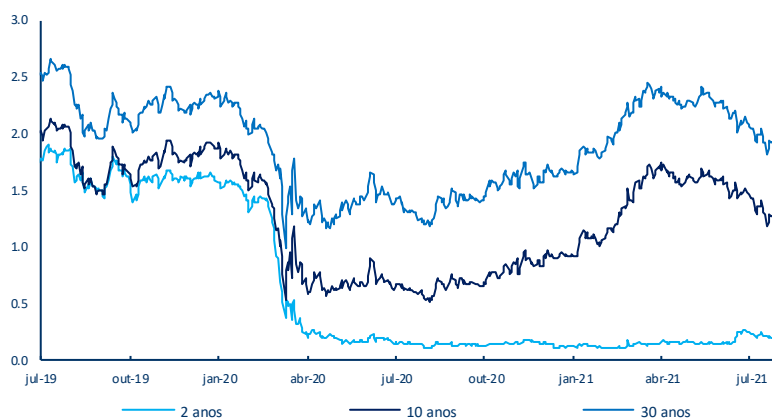
Na curva de futuros da Euribor a 3 meses observou-se uma descida ao longo do mês em todas as maturidades, com valores negativos até ao final de 2025, com a taxa no vencimento de dezembro/2025 a fixar-se em -0.19%.

As **yields das obrigações de dívida soberana europeia** encerraram o mês com uma diminuição acentuada (entre 15 a 25 p.b.), uma reação de aversão ao risco dos investidores face ao arrefecimento de alguns indicadores económicos e ao posicionamento mais conservador do BCE, que reiterou a intenção de manter o atual ritmo de compra de ativos por um período prolongado, levantando dúvidas quanto ao ritmo de recuperação da economia da UE.

A descida das taxas de juro a 10 anos foi liderada pelas yields da Alemanha (-24 p.b.) e da França (-21.8 p.b.), fixando-se em -0.45% e -0.09%. Em Portugal, a redução foi de 21 p.b., para 0.18%, o valor mais baixo desde o final de março, levando os spreads face a Espanha (-7.2 p.b.) e à Alemanha (+3.2 p.b.) para -9.4 p.b. e 62.9 p.b..

Nos EUA, a ausência de detalhes concretos quanto à data de retirada de estímulos monetários por parte da Reserva Federal e os sinais de abrandamento no mercado de trabalho contribuíram para aumentar a incerteza, conduzindo as yields de longo prazo para perto dos mínimos de 5 meses, com as taxas de juro a 10 e 30 anos em 1.24% e 1.90%.

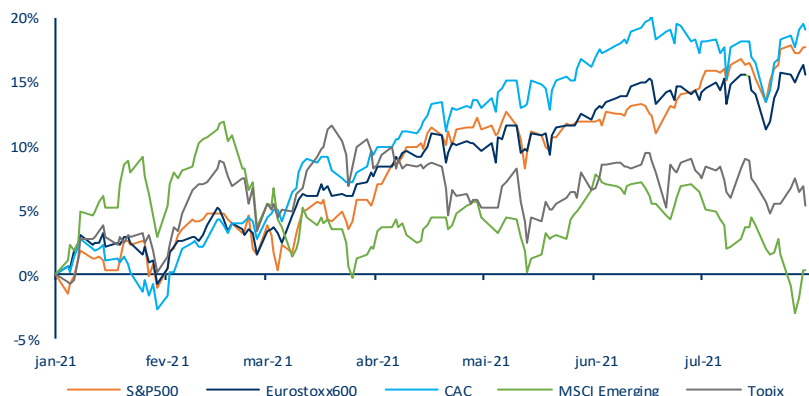
EUA: Evolução das taxas de rendibilidade das obrigações soberanas - %



Os **mercados acionistas** averbaram ganhos no mês apesar de alguma volatilidade. Os resultados empresariais relativos ao segundo trimestre tem sido muito positivos refletindo os estímulos introduzidos pelos diversos países, mas as atenções centram-se agora no final do ano, com a perspetiva de redução de consumo privado e a retirada gradual de apoios.

Na Europa, o Eurostoxx600 valorizou 1.8% chegando a atingir um novo máximo histórico, mas foi possível observar uma divergência a nível dos índices nacionais. O DAX alemão, o IBEX espanhol e o Fotsie britânico caíram 0.3%, 1.5% e 0.4%, enquanto o CAC francês e o MIB italiano subiram 1.6% e 1.1%. Mensalmente, os resultados trimestrais e o aumento da incerteza levaram a um comportamento misto a nível setorial. Pela positiva, merecem destaque os recursos naturais (+7.3%) e imobiliário (+6.1%), enquanto pela negativa, sobressaíram a energia (-4.5%) e o automóvel (-1.9%). Nos EUA, os principais índices valorizaram entre 1.7% (*Dow Jones*) e 2.8% (*NASDAQ*) tendo voltado a negociar em máximos históricos a meio da semana. O *Russe12000*, índice que representa um conjunto alargado de empresas de menor capitalização, contrariou a tendência com uma queda de 3.1% em julho. Nos países emergentes, o *MSCI* desceu 5.8%, tendência liderada pelo *HangSeng* de Hong Kong (-9.9%) e *Shanghai* chinês (-5.4%).

Evolução dos principais índices acionistas (base=dez/20)



Nos mercados **cambiais** o *dólar norte-americano* depreciou 0.5% face a um cabaz de moedas representativo dos principais parceiros comerciais, em resultado da depreciação no final do mês, após declarações acomodáticas da Reserva Federal e os alertas sobre a moderação do ritmo de crescimento económico. O *euro* apreciou 0.3% face ao dólar.

Nas **matérias-primas**, a tendência foi amplamente positiva, com destaque para o *ouro*, que valorizou 3.3% (\$1827/oz), recuperando parcialmente das perdas no 1.º semestre (-6.8%). A cotação do *brent* desceu 0.3% para \$74.9/bbl, balanceado entre a maior procura em termos de consumo e o aumento da oferta dos países exportadores. Nos produtos agrícolas, o *milho* caiu 23% devido a efeitos climáticos e alguns cancelamentos de encomendas por parte da China.

2. Temas da semana

2.1 Área Euro: Índice de preços no consumidor

A **variação homóloga do índice de preços no consumidor (IHPC)** em julho voltou a subir acima da meta do BCE. Recentemente, a Presidente Lagarde esclareceu que o Conselho de Governadores não agirá sobre leituras que embora sejam elevadas, são igualmente temporárias. O IHPC registou uma variação homóloga de 2.2%, um resultado superior ao esperado (2.0%) e que se segue à redução temporária em junho para 1.9%. Este valor é o mais elevado desde os 2.3% de outubro 2018 e é a primeira vez desde então que suplanta os 2 p.p..

O relatório não evidenciou, uma vez mais, que o incremento da inflação seja estrutural uma vez que **a variação subjacente recuou de 0.9% para 0.7%**. Um conjunto de fatores tiveram um impacto moderador na inflação subjacente, sem os quais a mesma poderia ter sido 0.5 p.p. mais elevada: (i) a reversão do efeito da descida de 19% para 16% da taxa de IVA na Alemanha entre julho de 2020 e janeiro de 2021, (ii) os saldos de verão em 2020 foram adiados para depois de julho e (iii) as alterações dos pesos do cabaz de preços estão a exercer um impacto em baixa nas leituras subjacentes.

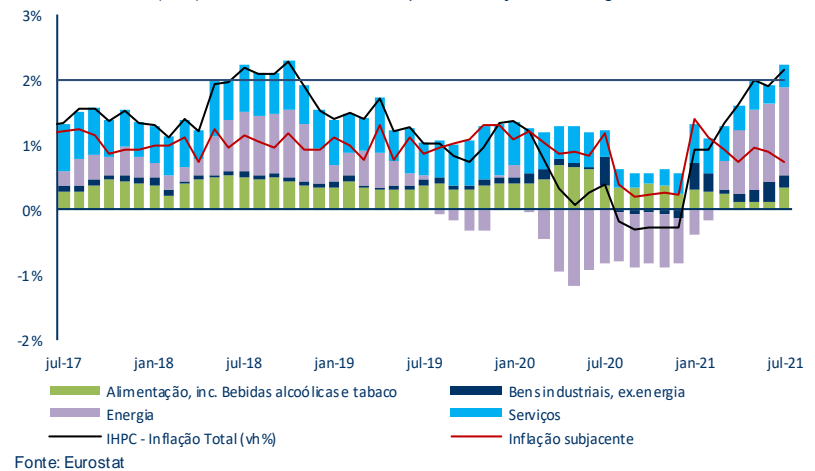
Em termos de contributos, e com base na informação limitada que é disponibilizada pelo Eurostat aquando da divulgação da estimativa rápida, conclui-se:

- ✓ o contributo da rúbrica energética foi de 1.34 p.p., mais de metade do total;
- ✓ os contributos dos serviços e dos bens industriais não energéticos foram positivos, embora

tenham sofrido uma redução;

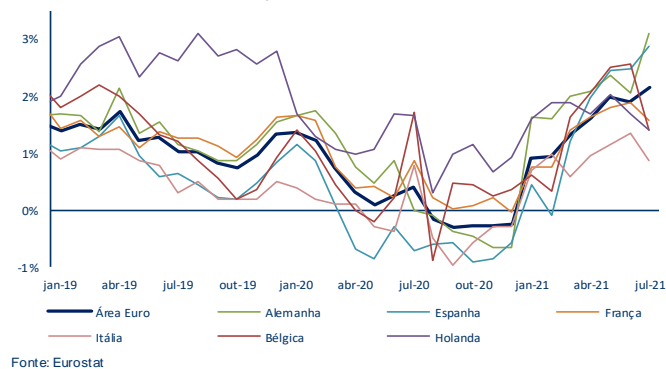
- ✓ No caso dos bens alimentares, o contributo passou de 0.12 para 0.35 p.p..

Área Euro: IHPC (vh%) - contributo das rubricas para a variação homóloga

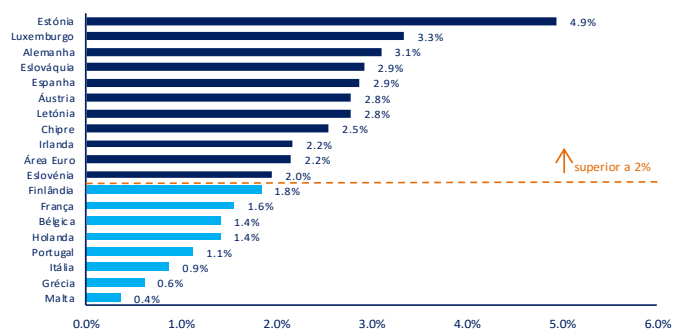


A evolução do IHPC não foi homogénea entre os principais estados membros. A variação homóloga revelou subidas no caso de Espanha, de 2.5% para 2.9% e, com particular destaque, no caso da Alemanha, de 2.1% para 3.1%. Ainda no caso germânico, o indicador do instituto nacional registou uma variação de 3.8% em julho, a mais elevada desde dezembro de 1993. No caso de outros estados membros, a evolução da inflação foi em sentido contrário. Na França (-0.3 p.p., para 1.6%), em Itália (-0.4 p.p., para 0.9%) e nos Países Baixos (-0.3 p.p., para 1.4%) assistiu-se a uma moderação da respetiva variação homóloga

Área Euro e Estados-Membros: Inflação Total (vh%)

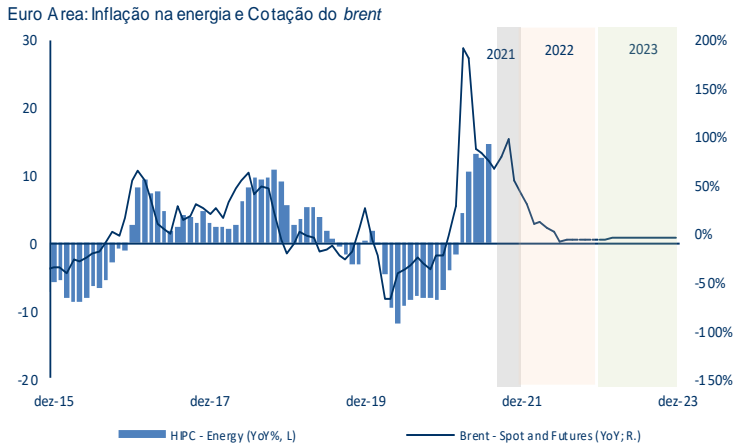


Área Euro e Estados-membros: Inflação (vh%) - Índice harmonizado de preços no consumidor



A evolução do contributo da energia tem sido determinante para a aceleração da inflação europeia

em 2021, embora não seja o único factor explicativo. Em termos de perspetivas, e considerando a expectável variação homogénea implícita nos preços atualmente inscritos nos contratos de futuros, até ao final do ano o contributo da rubrica energética permanecerá em terreno claramente positivo. O respetivo contributo só deverá começar a registar uma reversão no início de 2022 quando o efeito negativo da reversão do efeito de redução do IVA alemão em 2020 também deixar de ser sentido. Até lá, persistirão as dificuldades de interpretação da inflação europeia.



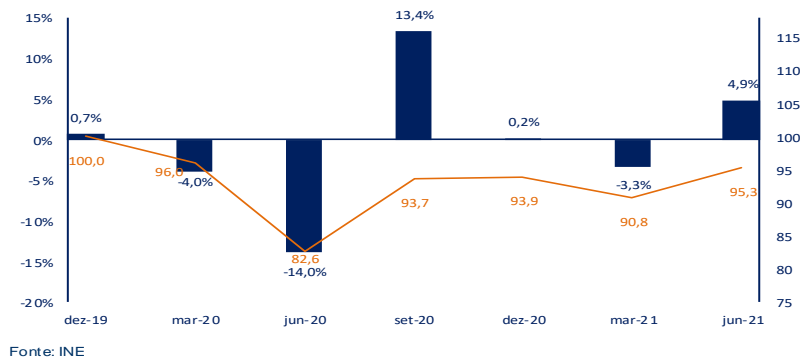
2.2 Portugal – Indicadores de crescimento, de confiança e inflação

Em comparação com o trimestre anterior, o PIB real registou uma variação de 4.9% no segundo trimestre de 2021, após uma contração de 3.3% no anterior, uma leitura superior à da Área Euro. Este resultado reflete em grande parte o contributo positivo da procura interna, após ter sido negativo no primeiro trimestre do ano. A procura externa manteve um contributo negativo, ainda que de forma menos acentuada do que no trimestre anterior. Durante o primeiro trimestre foram necessárias diversas medidas de confinamento da população, as quais foram aliviadas gradualmente ao longo do segundo trimestre.

Em termos homólogos, a variação foi de 15.5%, em função do forte efeito de base, tendo em consideração que o principal impacto do primeiro confinamento geral em 2020 sentiu-se nos meses de abril e maio.

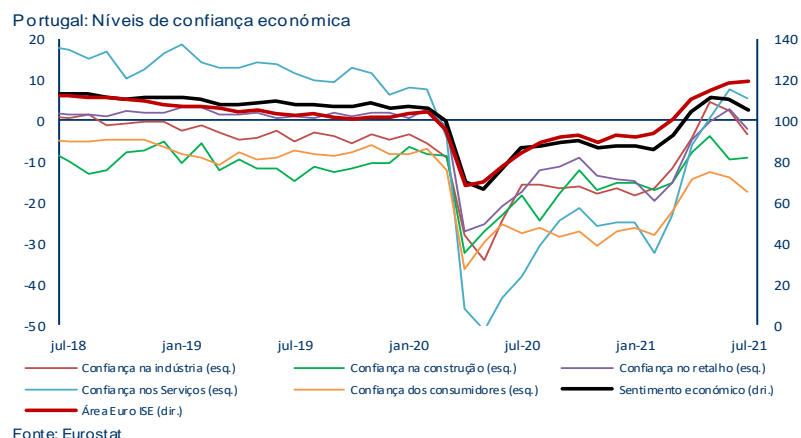
Atualmente, a economia portuguesa situa-se ainda num nível inferior em 4.6% face ao período pré-pandemia.

Portugal: Crescimento do PIB em cadeia (%) e nível face ao período pré-pandemia (2019=100)



Em julho, o Indicador de Sentimento Económico diminuiu 5.8 pontos, fixando-se em 104.8. A leitura menos positiva sucede à forte recuperação que se observou nos últimos meses, que permitiu superar os valores pré-pandémicos, mas também na estabilização do sentimento em torno da economia, o qual supera ainda os valores de longo prazo.

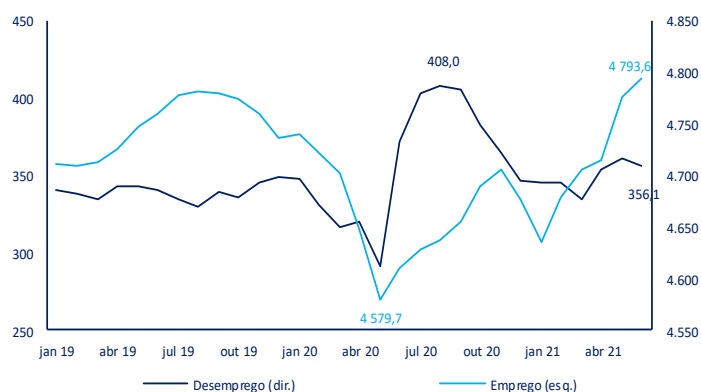
Este abrandamento observou-se de forma generalizada em todos os setores da economia, com exceção da construção (+0.4). Em termos de contributo, destaque para a descida na indústria (-5.8) e no comércio a retalho (-4.7), enquanto nos serviços (-2.1) a queda foi menos acentuada. A confiança dos consumidores desceu -3.5 pontos. Em sentido contrário, o indicador análogo da Área Euro continuou a tendência de recuperação.



Em junho, a população empregada registou um acréscimo de 0.3% em relação ao mês anterior e 4.5% por comparação com julho de 2020, fixando-se em 4 793.6 milhares. Já a população desempregada reduziu-se em 1.5% em relação ao mês anterior, diminuindo em 4.4% em termos homólogos, atingido 356.1 milhares de pessoas desempregadas. A população inativa continuou a diminuir, neste caso, 0.4%. Face ao período homólogo a queda foi de 6.7%.

Tanto a taxa de desemprego, como a taxa de subutilização do trabalho diminuíram 0.1 p.p., passando para 7.0% e 12.7, respetivamente. A taxa de inatividade diminuiu de 33.1% para 32.9%.

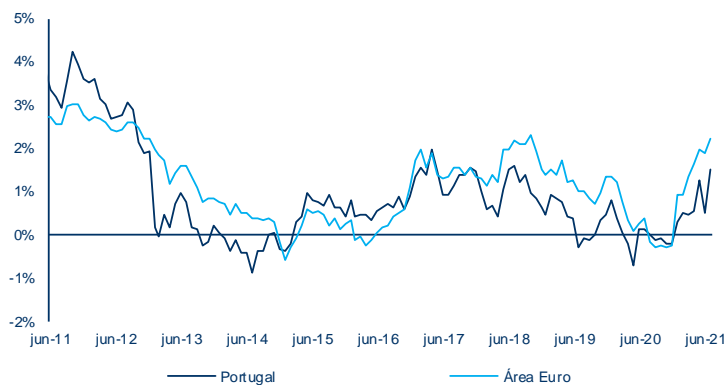
Portugal: Evolução do número de empregados e desempregados (milhares)



O Índice de preços no consumidor averbou um crescimento homólogo de 1.5% em julho, mais 1.0 p.p. do que no mês anterior. Segundo o INE, esta evolução representa uma dissipação de efeitos de base, tendo a inflação subjacente acelerado de -0.3% para 0.9%. Em termos de componentes, os produtos energéticos continuaram a averbar a maior variação homóloga com 8.7%, mas inferior ao

mês precedente (9.0%). Quando se compara com a tendência dos preços na Área Euro, a inflação tem acompanhado em grande parte a evolução do resto da Europa, ainda que num nível inferior.

Portugal e Área Euro: Índice de Preços do Consumidor (vh%) - Inflação Total



Fonte: INE, Eurostat

2.3 Portugal – Síntese de Execução orçamental – 1º semestre de 2021

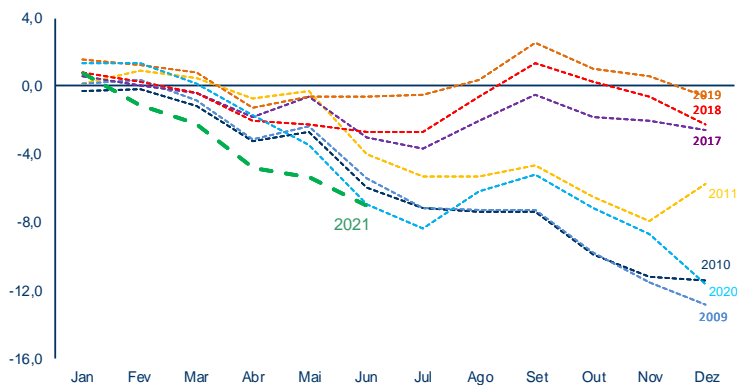
A Direção-Geral do Orçamento (DGO) divulgou na semana passada os dados referentes à **Síntese de Execução Orçamental** de junho de 2021, tendo-se registado um saldo negativo das Administrações Públicas (AP) na ótica de contabilidade pública de -€7060.1 milhões nos primeiros seis meses do ano. Isto representa uma deterioração do saldo em €149.6 milhões face ao período homólogo, reflexo do crescimento mais expressivo da despesa (+€1824.1 milhões) face à receita (+€1674.5 milhões). O saldo primário fixou-se em -€3118.9 milhões, menos €559.6 milhões do que em junho de 2020.

A receita das APs averbou um aumento de 4.6% proveniente, em grande parte, da evolução da receita fiscal e contributiva (+€1178.2 milhões), a qual reflete a normalização da atividade económica, com efeitos positivos no mercado de trabalho.

Esta melhoria resultou num crescimento de 6.7% das contribuições para a segurança social (€690.3 milhões) e de 2.5% da receita fiscal (€487.9 milhões). O aumento da receita fiscal correspondeu às recuperações de cobrança do IVA, IRC, IRS e imposto municipal sobre transmissões, compensado em parte pela variação negativa no ISP. A receita não fiscal e não contributiva registou um acréscimo de €496.3 milhões, beneficiando das transferências de fundos europeus, no âmbito do instrumento de Assistência da Recuperação para a Coesão e os Territórios da Europa (REACT-EU).

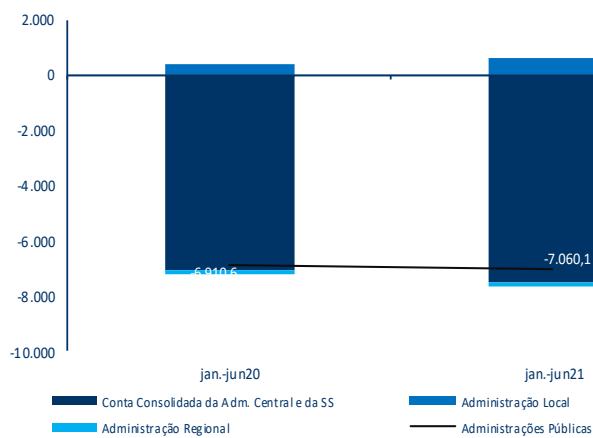
A despesa das APs aumentou 4.2% (+€1824.1 milhões em termos homólogos), em grande parte devido a medidas no âmbito da pandemia do vírus Sar-CoV-2.

Portugal: Saldo Orçamental das Administrações Públicas - Evolução cumulativa (mil milhões €)



Fonte: DGO

Portugal: Saldo das Admistrações Públicas - (milhões EUR): jan-jun. 2020 vs. jan-jun. 2021



Fonte: DGO

Entre estas destacam-se: i) as transferências correntes (€1164.7 milhões), principalmente por parte da Segurança Social no âmbito das medidas de mitigação do impacto da COVID-19 (€446.6 milhões), das pensões (€212.1 milhões) e das prestações de desemprego (€159 milhões); ii) as despesas com pessoal (€455.1 milhões), influenciadas em grande parte pelas novas admissões e pagamento do trabalho suplementar realizado no âmbito do combate à pandemia por parte do Serviço Nacional de Saúde; e iii) as transferências de capital (€401.3 milhões) relacionadas sobretudo com a transferência do Fundo de Resolução para o Novo Banco, no âmbito do Acordo de Capitalização Contingente e a transferência para o Fundo Único de Resolução, que em 2020 só ocorreu em julho. .

Relativamente ao saldo deficitário da Administração Central, com exceção da Administração Local (€632.9 milhões) e da Segurança Social (€587.1 milhões), todos os subsectores contribuíram de forma negativa, nomeadamente o Estado (-€8014.7 milhões), os Serviços e Fundos Autónomos (-€79.5 milhões) e a Administração Regional (-€186 milhões).

Em relação ao impacto da pandemia sobre as finanças públicas, as medidas provocaram uma redução da receita em €384.1 milhões (prorrogação do pagamento do IVA e isenção da TSU) e aumentaram a despesa em €3804.7 milhões.

Entre as despesas destacam-se: os apoios às empresas e ao emprego, os quais atingiram €2183.1 milhões, o que inclui as despesas do programa Apoiar (€976 milhões), Lay-off simplificado (€363.5 milhões), entre outras.

A DGO assinala que, na ausência das despesas associadas às medidas no âmbito da COVID-19, a despesa efetiva das Administrações Públicas teria crescido apenas 0.9% face ao ano anterior (em vez de 4.2%) e a receita efetiva teria aumentado 3.1% (em vez de +4.6%).

3. Anexo de Informação Financeira

(atualizado sexta-feira, 30 de julho, às 12h00)

MERCADO MONETÁRIO

	Valor observado (%):				Variação (p.p.):			
	31-dez-20	30-jun-21	23-jul-21	30-jul-21	2021 YTD	Mês	Semana	
EURIBOR Act/360 dias								
1 mês	-0.554	-0.569	-0.560	-0.556	↓ -0.002	↑ 0.013	↑ 0.004	
3 Meses	-0.545	-0.542	-0.544	-0.544	↑ 0.001	↓ -0.002	↔ 0.000	
6 Meses	-0.526	-0.515	-0.519	-0.523	↑ 0.003	↓ -0.008	↓ -0.004	
12 Meses	-0.499	-0.483	-0.493	-0.502	↓ -0.003	↓ -0.019	↓ -0.009	
LIBOR USD Act/360 dias								
LIB 1 mês	0.144	0.101	0.086	0.092	↓ -0.052	↓ -0.009	↑ 0.006	
LIB 3 meses	0.238	0.146	0.129	0.129	↓ -0.110	↓ -0.017	↓ 0.000	
LIB 6 meses	0.258	0.160	0.159	0.154	↓ -0.104	↓ -0.006	↓ -0.005	
LIB 12 meses	0.342	0.246	0.241	0.237	↓ -0.105	↓ -0.009	↓ -0.004	

OBRIGAÇÕES DE GOVERNO - 10 anos

	Valor observado (%):				Variação (p.p.):			
	31-dez-20	30-jun-21	23-jul-21	30-jul-21	2021 YTD	Mês	Semana	
Portugal	0.030	0.390	0.192	0.182	↑ 0.152	↓ -0.208	↓ -0.010	
Espanha	0.047	0.412	0.271	0.276	↑ 0.229	↓ -0.136	↑ 0.005	
Grécia	0.628	0.833	0.663	0.618	↓ -0.010	↓ -0.215	↓ -0.045	
Itália	0.543	0.819	0.618	0.629	↑ 0.086	↓ -0.190	↑ 0.011	
França	-0.338	0.126	-0.088	-0.092	↑ 0.246	↓ -0.218	↓ -0.004	
Alemanha	-0.569	-0.207	-0.420	-0.447	↑ 0.122	↓ -0.240	↓ -0.027	
Reino Unido	0.197	0.716	0.584	0.567	↑ 0.370	↓ -0.149	↓ -0.017	
Suíça	-0.550	-0.222	-0.358	-0.367	↑ 0.183	↓ -0.145	↓ -0.009	
EUA	0.913	1.468	1.276	1.242	↑ 0.329	↓ -0.226	↓ -0.034	
Japão	0.021	0.058	0.018	0.022	↑ 0.001	↓ -0.036	↑ 0.004	

ÍNDICES ACIONISTAS

	Valor observado				Variação (%):			
	31-dez-20	30-jun-21	23-jul-21	30-jul-21	2021 YTD	Mês	Semana	
Eurostoxx 600	399	453	462	461	↑ 15.5%	↑ 1.8%	↓ -0.1%	
IBEX	8074	8821	8717	8685	↑ 7.6%	↓ -1.5%	↓ -0.4%	
CAC	5551	6508	6569	6611	↑ 19.1%	↑ 1.6%	↑ 0.6%	
DAX	13719	15531	15669	15490	↑ 12.9%	↓ -0.3%	↓ -1.1%	
FTSE	6461	7037	7028	7009	↑ 8.5%	↓ -0.4%	↓ -0.3%	
PSI20	4898	5035	5076	5053	↑ 3.2%	↑ 0.4%	↓ -0.5%	
S&P 500	3756	4298	4412	4419	↑ 17.7%	↑ 2.8%	↑ 0.2%	
Nasdaq	12888	14504	14837	14778	↑ 14.7%	↑ 1.9%	↓ -0.4%	
Topix	1805	1944	1904	1901	↑ 5.3%	↓ -2.2%	↓ -0.2%	
MSCI Emerg	1291	1375	1311	1295	↑ 0.3%	↓ -5.8%	↓ -1.2%	
Shanghai	3473	3591	3550	3397	↓ -2.2%	↓ -5.4%	↓ -4.3%	

CÂMBIOS e MATÉRIAS-PRIMAS

	Valor observado				Variação (%):			
	31-dez-20	30-jun-21	23-jul-21	30-jul-21	2021 YTD	Mês	Semana	
EUR/USD	1.2216	1.1858	1.1771	1.1889	↓ -2.7%	↑ 0.3%	↑ 1.0%	
EUR/JPY	126.18	131.75	130.11	130.29	↑ 3.3%	↓ -1.1%	↑ 0.1%	
EUR/GBP	0.8937	0.8572	0.8559	0.8510	↓ -4.8%	↓ -0.7%	↓ -0.6%	
EUR/CHF	1.0812	1.0969	1.0823	1.0771	↓ -0.4%	↓ -1.8%	↓ -0.5%	
EUR/AOA	795.17	775.00	762.05	768.71	↓ -3.3%	↓ -0.8%	↑ 0.9%	
EUR/MZN	91.50	75.65	75.16	75.64	↓ -17.3%	↓ 0.0%	↑ 0.6%	
Petróleo (Brent \$)	51.17	75.12	73.70	74.93	↑ 46.4%	↓ -0.3%	↑ 1.7%	
Ouro (\$)	1898.36	1770.11	1802.15	1827.89	↓ -3.7%	↑ 3.3%	↑ 1.4%	
Prata (\$)	26.40	26.13	25.18	25.54	↓ -3.3%	↓ -2.2%	↑ 1.4%	
Cobre (\$)	351.90	429.65	440.65	450.50	↑ 28.0%	↑ 4.9%	↑ 2.2%	
Soja (\$)	1315.25	1450.00	1401.00	1433.50	↑ 9.0%	↓ -1.1%	↑ 2.3%	
Milho (\$)	484.00	720.00	547.25	554.25	↑ 14.5%	↓ -23.0%	↑ 1.3%	

DISCLAIMER

Esta informação não constitui uma recomendação de investimento e não pode servir de base à compra ou venda de ativos nem à realização de quaisquer operações nos mercados financeiros assim como não deve ser considerado a base de qualquer tipo de contrato.

A presente informação incorpora a visão desenvolvida pela Caixa Geral de Depósitos e baseia-se em informação pública disponível e nas condições de mercados à data, proveniente de várias fontes que se creem credíveis, não sendo possível garantir que a mesma esteja completa ou precisa, estando sujeita a revisões, atualizações e alterações futuras sem aviso prévio. Não pode, assim, ser imputada qualquer responsabilidade à Caixa Geral de Depósitos por perdas ou danos causados pelo seu uso.

A informação contida neste documento é realizada com um objetivo informativo, sendo enviada como um instrumento auxiliar, não podendo servir de base a qualquer investimento que possa ser realizado.

Na preparação do presente documento não foram considerados objetivos de investimento, situações financeiras ou necessidades específicos dos clientes, não tendo existido na sua elaboração a adequação da informação a qualquer investidor efetivo ou potencial nem ponderadas circunstâncias especificadas de qualquer investidor efetivo ou potencial.

As rendibilidades divulgadas representam dados passados, não constituindo garantia de rentabilidade futura.

Não está autorizada a publicação, duplicação, extração e transmissão destes conteúdos informativos. A Caixa Geral de Depósitos não se responsabiliza por qualquer facto suscetível de alterar a integridade do conteúdo desta mensagem, resultante da sua transmissão eletrónica.